

Ruptura para a democracia

Cesar Felício entrevista Marta Lagos
Valor, 13.05.11

Entrevista: Para Marta Lagos, especializada em América Latina, eleição peruana está radicalizada, mas momento é de consolidação democrática.

O Peru está pronto para uma ruptura, segundo a cientista política chilena Marta Lagos, que desde 1995 monitora o sentimento político dos países da América Latina, com a pesquisa anual Latinobarometro, divulgada todo último bimestre do ano. Neste ano, a ONG Corporação Latinobarometro, responsável pela pesquisa, dedica atenção especial ao Peru. O país vai realizar, no dia 5, o segundo turno das eleições presidenciais entre dois candidatos que representam extremos ideológicos: o ex-militar Ollanta Humala, nacionalista e de esquerda, e a deputada Keiko Fujimori, filha do ex-ditador Alberto Fujimori, ultraliberal e de direita. Para Marta, a ida de dois extremistas para o segundo turno não se deve apenas à divisão dos candidatos centristas em três nomes (Pedro Pablo Kuczynski, Alejandro Toledo e Luis Castaneda). Deriva de uma insatisfação antiga da sociedade peruana com as conquistas do regime democrático que o Peru atravessa desde os anos 1980, excetuado o período de Fujimori, em meados dos anos 1990.

No início do mês, Marta Lagos esteve em Belo Horizonte para participar do Congresso Latino-Americano de Opinião Pública e concedeu a seguinte entrevista ao **Valor**:

Valor: *Embora nos últimos anos a maior parte dos países latino-americanos tenham passado por fases de crescimento econômico e relativa estabilidade financeira, o continente continua demonstrando grande instabilidade política. As instituições democráticas têm menos credibilidade justamente nos países com maior crescimento, como o Peru. O que ocorre?*

Marta Lagos: Em toda a América Latina, o processo de consolidação da democracia tem barreiras de exclusão. A democracia não se consolida, ou se consolida com mais dificuldade, onde o nível de desigualdade de direitos é inaceitável. Uma das questões na pesquisa é se haveria apoio a um governo militar em substituição a um democrático. Em países como Equador e Bolívia, o rechaço a um novo regime militar ultrapassa 70%, enquanto a média de rejeição ao autoritarismo na América Latina é 63%. Já no Peru, a rejeição é de 48%. A Bolívia e o Equador não passam por fase de prosperidade, mas as mudanças políticas recentes nesses países produziram uma alternância verdadeira que legitimou as instituições. Na Bolívia,

pela primeira vez um índio chegou ao poder. No Equador, um mestiço. Houve mudanças estruturais das regras do jogo, celebrou-se uma nova independência. Na Bolívia e no Equador, houve um aumento do sentimento de cidadania. Pela primeira vez os habitantes mais humildes sentem que têm voz, mesmo volátil e sem o apoio de um sistema partidário. O Peru começa a passar pelo mesmo processo: a democracia vai se legitimar caso haja uma alternância efetiva que produza uma reestruturação.

Valor: *E isso pode se dar tanto com vitória de Ollanta Humala quanto de Keiko Fujimori?*

Lagos: O que digo é que há no Peru a demanda por um presidente que provoque uma mudança estrutural. Tanto Humala quanto Keiko mostram o fim da velha oligarquia. Mas é importante frisar que os peruanos buscam um novo Evo Morales, que simbolize a alternância social, que repactue estruturas de poder, mais pela via da ruptura do que pela reforma. No Peru não se busca uma Presidência como a de Hugo Chávez, que na Venezuela fez mudanças superficiais. O personalismo de seu governo fará que, quando Chávez se for, tudo lá volte ao que era antes. O bolivarianismo, a quinta república, o Partido Socialista Unificado, tudo que foi criado por Chávez tende a acabar. Já a Bolívia e o Equador nunca mais serão como antes.

Valor: *O passado autoritário não estava presente nas biografias de Morales e Correa, mas existe tanto na de Humala quanto na de Keiko. Não seria correto pensar que o Peru caminha para o autoritarismo?*

Lagos: Acho que as pessoas falam com muita rapidez em autoritarismo e aproximam situações que são distintas. Há um vazio de liderança que faz com que ecos do autoritarismo se tornem as únicas alternativas. A grande diferença entre os processos da Bolívia e do Equador e o que acontece no Peru é a questão da estrutura partidária. Na Bolívia houve um movimento étnico que ultrapassou os partidos. No Peru, há muito tempo, as oligarquias destruíram o sistema partidário de maneira que não ocorreu em outros países.

Valor: *Por que há um déficit de apoio à democracia em países estáveis como Chile e Brasil? Apenas 54% dos brasileiros e 63% dos chilenos preferem a democracia a qualquer outra forma de governo, segundo a pesquisa, índice inferior aos de Venezuela, Uruguai, Costa Rica, Argentina, Equador, Bolívia e República Dominicana.*

Lagos: Começa a se criar uma insatisfação no Chile, porque fica nítido que o desenvolvimento econômico encontra barreiras que não podem ser mudadas apenas com políticas públicas, mas somente com mudanças institucionais. Mas elas não são feitas, independentemente do presidente ser de esquerda ou direita. Tanto Michelle Bachelet como Sebastian Piñera, mais recentemente, como Eduardo Frei, Ricardo Lagos e Patricio Aylwin, no passado, não fizeram essas mudanças. E as pessoas

sentem que o Chile precisa de algo mais para ser menos desigual. No caso do Brasil o que fez Lula? Ele fomentou a mobilidade social, diminuindo a distância entre ricos e pobres, mas sem fazer mudança institucional alguma.

Valor: *Muitas vezes se comparou no Brasil a ação de Lula e do PT com o populismo clássico, como o de Perón.*

Lagos: A comparação não é cabível. Lula não destruiu o sistema partidário, não quebrou o sistema de representação. Ele aprofundou uma transformação histórica que teve a sua base inicial no governo de seu antecessor. Mas, por mais que doa a Fernando Henrique Cardoso, a história recente do Brasil se divide em antes de Lula e depois de Lula, porque a sua presidência teve um alcance maior.

Valor: *Na Argentina também ocorrerão, este ano, eleições presidenciais. A reeleição da presidente Cristina Kirchner é um cenário provável. O casal Kirchner pode ser comparado a outros governos da América Latina no sentido de promotor de mudanças substanciais?*

Lagos: As pesquisas mostram que o povo argentino tem alto índice de apoio à democracia, mas existe ali uma crise de representação. A pesquisa mostra que apenas 49% dos pesquisados na Argentina responderam que creem ser possível eleger um grupo que represente suas ideias políticas, o que está abaixo da média de 53% na América Latina. Apenas 16% dos pesquisados argentinos afirmam que o governo administra para o bem de todo o povo, ante 30% da média dos países. E a permanência do peronismo se alimenta de uma oposição que não se organiza partidariamente. É muito complexo entender a Argentina, onde há o peronismo, que é um sistema político que não representa seus eleitores. O sistema político argentino está congelado desde a morte de Perón. Nunca houve lá, nem há sinais de mudança a curto prazo, um pós-peronismo.

Valor: *Mas existe um pós-lulismo?*

Lagos: Há um depois de Lula, porque não se trata de uma liderança personalista. Perón tornou a Argentina estática, parada no tempo. Não houve o pós-peronismo como não haverá o pós-chavismo.